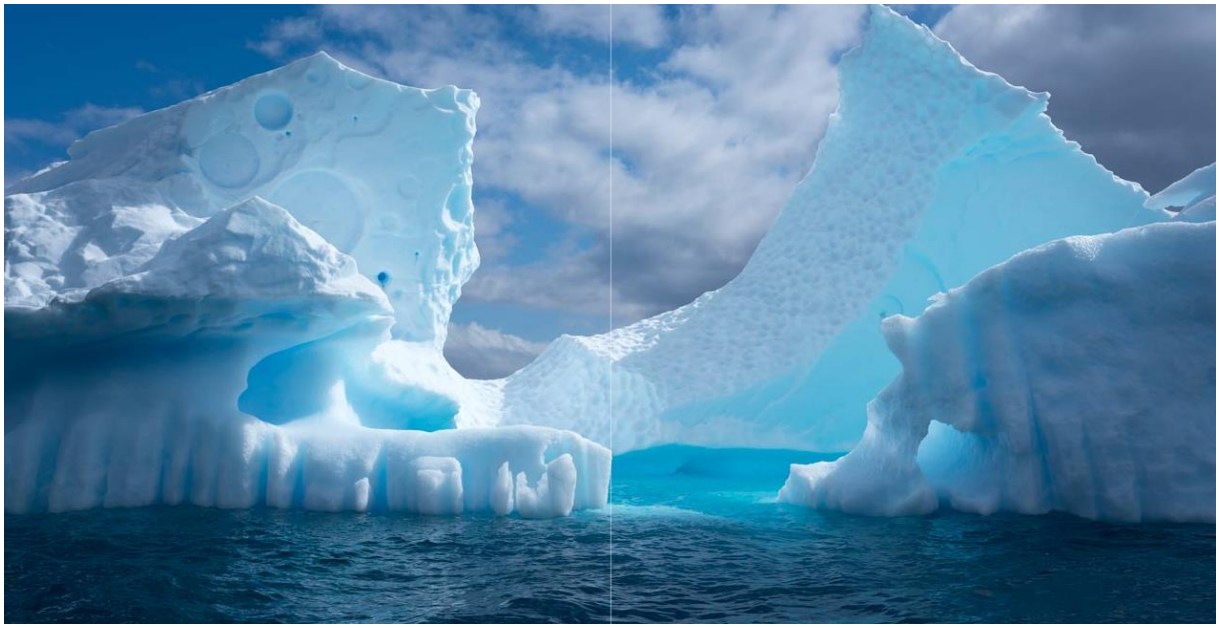
O som dos icebergs a derreter: a minha viagem à Antártida



Quinta-feira, 9 Abril, 2020
Por Jonathan Watts
Acedido em: https://www.theguardian.com/world/ng-interactive/2020/apr/09/sound-of-icebergs-melting-journey-into-antarctic-jonathan-watts-greenpeace

Capítulo 1: Paradise Harbour

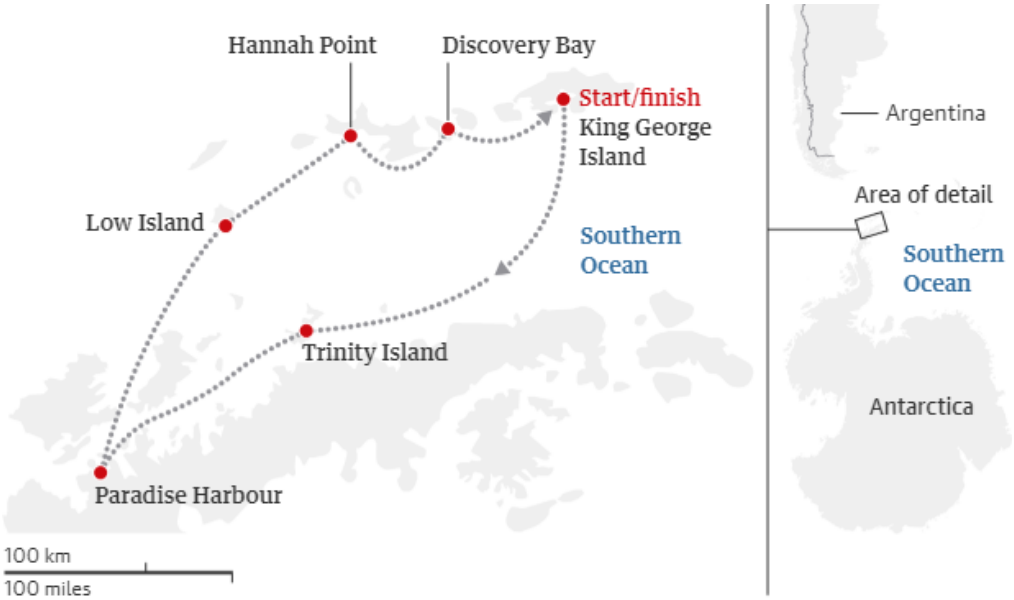
Um calor antigo

O nosso objetivo era atravessar o gelo da baía Antártida para ouvir baleias, no entanto inicialmente, ouvimos algo completamente diferente: um som debaixo do Oceano Antártico, algo como o rugir da própria crise climática.

Especialista em acústica marinha Tim Lewis.
Foto: Abbie Trayler-Smith / Greenpeace

A nossa pequena lancha levava sete pessoas - um guia polar, dois ativistas da Greenpeace, dois jornalistas, um operador de câmera e um cientista especializado em acústica marinha. À nossa volta, magníficos picos irregulares e brilhantes, perfuravam os glaciares azuis e água azul manchada com constelações de fragmentos de gelo, como se um espelho do céu tivesse caído na superfície do oceano.

O piloto desligou o motor para reduzir o barulho, enquanto o cientista Tim Lewis lançou o seu hidrofone - essencialmente um microfone à prova de água com uma grande extensão de cabo - no oceano. Sentamo-nos em silêncio enquanto o barco balançava e flutuava a poucos metros de um iceberg do tamanho de uma igreja. Dezenas de pinguins-gentoo mergulhavam e saiam da água. Mais adiante, ouvíamos o estrondo intermitente de avalanches enquanto a neve aquecia espelhando o pálido sol do verão do sul.



Mas era o som subaquático que queríamos ouvir. Depois de desembrulhar 20 metros de cabo, Lewis tirou o seu chapéu de lã, colocou os fones nos ouvidos, fechou os olhos e deixou-se levar às profundezas à boleia do som. Tentámos decifrar no seu rosto o que poderia estar a ouvir. Primeiro um franzir de testa. (Será que o equipamento está a funcionar?) Seguiu-se, um olhar de perplexidade. Finalmente um sorriso. “Nunca ouvi nada parecido. Não é o que esperava”, disse. "Parece que está a pingar, como o interior de uma gruta."

Os fones passaram de pessoa para pessoa. Todos ouviam com uma expressão semelhante de concentração e davam a sua própria interpretação dos estranhos sons. "Gotas num ralo", disse um dos ativistas. "Queda de água de uma floresta", disse o homem do leme. "Chuva nas ruas da cidade", disse o operador da câmera.

Chegou a minha vez e eu também fui transportado. Não parecia vir do fundo do oceano, mas de uma vasta caverna, onde parecia que a água caía em cascata de um teto alto, cada gota ecoava no vazio.

Ilha da Meia Lua, Antártida.
Foto: Abbie Trayler-Smith / Greenpeace

Ouvir no link som do derreter de um iceberg

"Este é o som do iceberg a derreter", informou-nos Lewis. Quando a neve cai, explicou, bolsas de ar ficam presas e depois são comprimidas dentro nos glaciares ao longo de anos, séculos, até milênios. "O que você pode ouvir são os estalos quando o ar é libertado", referiu.

Era o oposto do que imaginávamos. Em vez de a água a cair pelo ar, ouvíamos o ar escapar pela água. Estávamos tão perto do iceberg que este barulho antigo era surpreendentemente alto. Embora nós, humanos, nunca o ouvimos da superfície, este é o som da Antártida todos os verões. E à medida que o planeta aquece, o som fica mais alto.

Capítulo 2: Ilha do Rei Jorge

O derreter dos glaciares

Em meados de Janeiro, durante o pico do verão Antártico, participei numa expedição de 10 meses do Polo Norte ao Polo Sul, organizada por cientistas e ativistas em dois navios da Greenpeace, o Arctic Sunrise e o Esperanza. Nesta última etapa na Península Antártida e nas Ilhas Shetland do Sul, nove investigadores de universidades britânicas, francesas e norte-americanas mediam a influência da atividade humana nos constrangimentos do equilíbrio natural da região.

A base de pesquisa na Ilha King George, no arquipélago de Shetlands do Sul.
Foto: HO / Marinha do Brasil / AFP via Getty

Com a ajuda de 59 tripulantes - uma mistura de marinheiros, engenheiros e ativistas - os cientistas recolheram amostrar acústicas, amostras do ADN ambiental, testes de microfibras plásticas, análise de fitoplâncton, além de registos das populações de pinguins e baleias. À semelhança dos primeiros exploradores, que registaram e mapearam as suas viagens junto à costa, o objetivo era registar os ecossistemas Antárticos. Muitas das águas e ilhas que visitávamos não tinha qualquer registo há várias décadas, se é que alguma vez tiveram.

Apanhei o nascer do sol na ilha do Rei Jorge, cerca de 600 milhas ao sul de Cape Horn, a ponta mais a sul da América do Sul. Onde se pode encontrar um aeródromo, duas igrejas, as bases de pesquisa de 10 países e cerca de 500 moradores semi-permanentes, esta comunidade internacional tem sido frequentemente considerada a última esperança da humanidade em romances e filmes, devido ao seu isolamento, espírito de colaboração e foco na ciência. (Hoje, coincidentemente, a Antártida é o único continente que não possui um único caso de coronavírus).

Uma ilha nas Shetlands do Sul.
Foto: Christian Åslund / Greenpeace

Mas é muito vulnerável a outra grande crise global – as alterações climáticas.
Veteranos da exploração na Antártida avisara-me que este local dar-me-ia a primeira visão da rapidez com que a região está a aquecer. Nas encostas da baía, havia mais rocha descoberta do que neve, a praia sem gelo, que poderia muito bem ser Brighton, se não fosse pelos pinguins. Isso era o esperado. As temperaturas na península – a pequena saliência de terra da Antártida em direção à América do Sul - aumentou cerca de 3 ° C nos últimos 70 anos, um dos aumentos mais rápidos do mundo.

O mais surpreendente era o número de embarcações na baía.

“As pessoas pensam que a Antártida é isolada. É um mito”, contou-me Marcelo Leppe, diretor do Instituto Nacional Antártico do Chile, quando o visitei no dia anterior em Punta Arenas, capital da região mais a sul do Chile. "As mudanças são tão grandes que é difícil descrevê-las", mencionou. Desde que Leppe começou a estudar a região em 2002, vê cada vez mais pessoas e menos neve. "Vi glaciares recuarem 100 metros e partes da terra ficarem tão verdes que quase parecem campos de golfe", rematou.

Em Dezembro, quando fazia a manutenção de equipamento na da base de pesquisa chilena na Ilha King George detetaram algo que o preocupou ainda: o carbono preto no ar, proveniente dos incêndios florestais australianos a mais de 10 mil quilômetros de distância. Mesmo em pequenas quantidades, escurecia a paisagem branca, reduzindo a sua capacidade de refletir a luz solar e fazendo com que o gelo derreta mais rapidamente. "Pelo menos futuros geólogos acharão a camada negra útil para identificar o ano de 2020 nos núcleos de gelo", disse sombriamente.

A ponte Arctic Sunrise em Discovery Bay, Antártida.
Foto: Abbie Trayler-Smith / Greenpeace

Haverá outras pistas para os geólogos no futuro. A 24 de Dezembro de 2019, derreteu mais gelo num único dia desde que há registos, segundo análise da Universidade de Liège. Em Fevereiro, um registro continental de 18,3 ° C foi medido na base argentina na ponta da península. Dias depois, o recorde continental de 20,75 ° C foi registado na estação da Ilha Seymour. Naquele dia, naquela ilha, a Antártida era mais quente que a Cidade do Cabo.

Cerca de 70% da água doce do mundo está na neve e no gelo da Antártida. Se tudo derreter, o nível do mar aumentará mais de 50 metros. Muito antes disso, a maior parte da civilização humana estará submersa. Enquanto os cientistas se esforçam para calcular quanto tempo nos resta, e os políticos hesitam em responder à crise, a indústria do turismo vê uma oportunidade, a última chamada para ver a Antártida antes do continente, como a conhecemos, desaparece.

Ilha do rei George na Antártida.
Foto: Christian Åslund / Greenpeace

Capítulo 3: Ilha da Trindade
Multidões no fim do mundo

Nos primeiros dois dias, navegamos para sul em condições favoráveis. Admiramos a paisagem marítima e a vida selvagem. Podem-se ver mais espécies em média no Jardim de Londres do que neste imenso continente, que tem uma área do tamanho de EUA e México juntos. Mas o que falta em variedade, compensa em quantidade.

Isso ficou bem claro na nossa primeira curta excursão a Trinity Island, que fica a 150 milhas a sudoeste da Ilha Rei Jorge. Lá deparamo-nos com um grande número de pinguins a cantar, focas a gritar e corvos-marinhos a chilrear – bem como um número surpreendente de turistas. Na paragem seguinte em Paradise Harbor, vimos seis navios cruzeiro gigantes no espaço de quatro dias, grupos de observadores de baleias em pequenos barcos, turistas em caiaques e caminhantes de casaco vermelha pelas encostas manchadas pelos excrementos dos animais.

Os turistas observam os glaciares da Baía de Chiriguano, nas Shetlands.
Foto: Johan Ordóñez / AFP via Getty

Neste verão do hemisfério sul - que celebra o 200º aniversário da primeiro vez que se visitou a Antártida - eram esperados 80.000 turistas no continente, um aumento quase três vezes maior

em relação a 2015. Antes da pandemia de coronavírus, os construtores de navios registaram uma forte procura em navios polares e cruzeiros para uso no gelo. Operadores de cruzeiros de luxo tentam superar-se constantemente com iglôs aquecidos, salões subaquáticos e plataformas de observação extensíveis. Os turistas pagam US $ 10.000 (8.500 libras) ou mesmo US $ 20.000 pela experiência o que os folhetos descrevem como “a última grande fronteira selvagem da Terra”.

Os turistas viajam de caiaque junto à ilha Half Moon, na Antártida.
Foto: Johan Ordóñez / AFP via Getty Images

Para a nossas espécies híper dominante, parte da atração da Antártida é a capacidade de nos sentirmos pequenos na presença do sublime, do regresso a uma época em que a natureza era uma mãe inspiradora e estimulante, em vez de um avô frágil e sobrecarregado, ao que se assemelha cada vez mais ao tempos correntes. Para garantir que os turistas sintam que estão num deserto inabitado, os operadores turísticos coordenam horários entre si e os capitães de navios usam os radares para evitar que avistem outros navios. (Como frisou o nosso guia polar, Tom Foreman, a sensação de solidão seria "um pouco arruinada se visse 500 pessoas a flutuar noutro grande pedaço de aço".)

Se há algo absurdo nas empresas de turismo em gastarem tanta energia a criar a ilusão da solidão, ajuda no mínimo a evitar a sobrelotação. A biossegurança é de extrema importância na Antártida. As botas precisam de ser esterilizadas antes de pisar a terra para evitar a propagação de sementes, fungos ou vírus. Todos devem manter uma distância de segurança da vida selvagem - a cinco metros dos pinguins, 10 metros das focas e 50 metros das baleias, a menos que venham até nós. E não se pode poluir.

Turistas visitam Orne Harbour, no sul das Shetlands.
Foto: Johan Ordóñez / AFP via Getty Images

Nos últimos cinco anos, Astrid Zafiro viu as movimentações na Antártida aumentar. Como chefe da base da Almirante Brown da Argentina em Paradise Harbor, a cerca de 250 milhas a sudoeste da Ilha Rei Jorge, ela considera que o aumento do turismo é tão percetível quanto as mudanças provocadas pelas elevadas temperaturas. Depois de nos conduzir por uma colônia de pinguins e uma subida atrás do pequeno centro de pesquisa, Zafiro chamou o nosso olhar para o outro lado da baía para um nunatak recém-emergido - um pico de montanha exposto em áreas coberta de gelo. Perto do nunatak, um enorme cruzeiro descarregava turistas chineses em pequenos barcos de borracha. À distância, ouvimos um estrondo, caia mais um pedaço de gelo na água. "Está tudo a acontecer, bem à nossa frente - a baía está cheia de turistas, o gelo a derreter", disse Zafiro.

Zafiro descreveu um ciclo que não consta nos modelos climáticos: quanto mais a Antártida é ameaçada, mais os turistas querem visitar antes que desapareça. Isto traduz-se em mais milhas percorridas por cruzeiros (e ar), mais dióxido de carbono e mais aquecimento global.

O navio de cruzeiro MS Roald Amundsen.
Foto: Johan Ordóñez / AFP via Getty Images

A bordo do Sunrise, uma jovem alemã, da tripulação do navio, Carola Rackete, falou-me sobre "*solastalgia*", termo do filósofo Glenn Albrecht para descrever o sentimento de perda que as pessoas sentem ao ver a beleza natural de um local na era de destruição ambiental. “As pessoas disfrutam da paisagem, conscientes que da próxima vez será alterada e irreconhecível. Há sempre uma antecipação de perda, o que me deixa triste ”, disse Rackete.
Solastalgia é difícil de escapar na Antártida.

Passámos três dias em Paradise Harbor, com saídas diárias nos barcos para recolher amostras, procurar e ouvir baleias, focas e pinguins. Na nossa última noite, hesitava em dormir, sabia que essa era a última oportunidade de ver este paraíso. Assim que o pálido brilho do sol desaparecia atrás das montanhas, a escuridão da baía era única. O tempo parece parar e comecei a compreender por que é que muitos dos primeiros exploradores da Antártida se sentiam perto de Deus neste lugar.

Turistas nas Shetlands do Sul.
Foto: Johan Ordóñez / AFP via Getty

Depois de alguns momentos perdido nas minhas reflexões, fui interrompido pelo som de KC e da Sunshine Band proveniente de um enorme cruzeiro ancorado a cerca de 100 metros de distância. " *That’s the way, uh-huh uh-huh, I like it, uh-huh, uh-huh”* continuou enquanto caminhava para o meu dormitório.

Capítulo 4: Ilha Baixa

'Algo está mal neste ecossistema'

Há ainda algumas ilhas antárticas que raramente, se alguma vez foram visitadas pelo Homem. São consideradas muito pequenas, simples demais, demasiado remotas ou foram vítimas de grandes tempestades. O nosso destino do dia seguinte, Low, parecia enquadrar-se nesta descrição. Esta ilha no sudoeste das Shetlands do Sul, com nove milhas de comprimento e cinco de largura, suporta todos os ventos e ondas de Shrieking Sixties, com uma latitude entre 60º e 70º graus sul, é conhecida pelos fortes vendavais.

Uma colônia de pinguins de face manchada na ilha Low.
Foto: Christian Åslund / Greenpeace

Ouvir som dos Pinguins face manchada no artigo original

Low já foi casa do que se acreditava ser a maior e mais estridente colônia de pinguins de face manchada do continente. Antes de nossa visita, a última investigação na ilha tinha sido em 1987 e, desde então, a população dos face manchadas noutras partes da Antártida tiverem um declínio alarmante de 50% . Queríamos descobrir se essa tendência também se verificava aqui. Em terra, juntamo-nos a uma equipe de biólogos americanos da Universidade Stony Brook, que tinha viajado pelas ilhas no outro navio do Greenpeace, o Esperanza. A tarefa deles era simples, mas enorme: contar pinguins. Centenas de milhares deles.

A contagem começa com os satélites. O excremento do pinguim guano, é o único que pode ser visto do espaço. Ao longo de gerações, as fezes de dezenas de milhares destes pássaros pintam a pedra num rosa delicado. Isto facilita a localização de colônias, mas, para cálculos mais precisos, a equipa de quatro cientistas usa drones e inteligência artificial para contar os ninhos. Em seguida, armados com tecnologia, verificam novamente as descobertas. Cada aglomerado é contado três vezes para garantir que os pinguins não escapem à contagem. Um membro da equipe, Noah Strycker, descreveu o processo como "uma atividade Zen".

Pinguins de face manchada mergulham no oceano.
Foto: Christian Åslund / Greenpeace

Os face manchada têm a reputação de ser uma das espécies de pinguins mais barulhenta e agressiva. Durante o namoro, os pássaros conversam com potenciais parceiros com gritos. Depois de se separarem para arranjar comida, eles reúnem-se com saudações estáticas. Se os ninhos estiverem ameaçados por predadores, os pais gritam de forma protetora. Os cientistas descobriram que os pássaros conseguem filtrar o som e concentrar-se em chamar os seus próprios familiares (o chamado "efeito de festa"). Mas esta habilidade torna-se cada vez menos essencial à medida que a população diminui e o a colônia fica mais silenciosa.

Enquanto andávamos de ninho de ninho em ninho, contando as crias, o barulho mais alto vinha de filhotes adolescente que incomodavam os pais por mais krill, uma pequena criatura parecida com um camarão que constitui a única refeição dos face manchada. Os cientistas acreditam que essa dependência de uma única fonte de alimento é uma das razões pelas quais a população está a diminuir. A pasta de Krill cresce em organismos sob o gelo do mar; portanto, quando o gelo derrete, o krill desaparece. Por outro lado, outra espécie de pinguim, o gentoo, está a aumentar, porque é muito menos exigente com sua dieta.

Pinguins face manchada acasalam em Low.
Foto: Abbie Trayler-Smith / Greenpeace

A contagem final da população ainda não está completa, mas já é claro que os face manchada são tão vulneráveis em Low como em qualquer outro lugare. E não são apenas os pinguins que estão em perigo. "Um declínio tão grande em tão pouco tempo sugere que algo está mal no ecossistema do Oceano Antártico", disse Strycker.

Dormir em Low era único, no meio do clima instável. O nosso grupo pode muito bem ter sido o primeiro da história a acampar na ilha. Os guias polares tiveram que amarrar as tendas em pedregulhos, porque não havia solo para o fixar dos pinos. As tendas resistiram a uma noite fria de vento e chuva, mas não havia nada que alguém pudesse fazer sobre o cheiro e a conversa. Na escuridão húmida, os pinguins acalmaram, embora nunca se calassem completamente. Há trinta anos, o barulho teria sido bem mais alto.

Uma colônia de pinguins face manchada na Ilha Elefante, com o navio Greenpeace Esperanza em segundo plano.
Foto: Christian Åslund / Greenpeace

Capítulo 5: Hannah Point e Discovery Bay
A maior recuperação do continente

Nos dois dias seguintes, o tempo piorou. Com a forte tempestade a atribular o mar, abrigamo-nos em Discovery Bay, a norte da ilha de Greenwich, aguardávamos por tréguas, que tardavam em chegar.

No mar, os únicos sinais de vida eram pequenas salpas (pequenas criaturas planctónicas em forma de gelatina transparente com pequenas marcas rosa na barriga com cerca de 10cm). À medida que a temperatura da água aquece, a salpa alimenta-se do krill, uma má notícia para todo o ecossistema oceânico e o clima, porque serem muito menos nutritivos para os predadores do que o krill e não parecem desempenhar um papel tão importante em absorver dióxido de carbono do Oceano. (Os krill neste processo são mais eficazes porque têm mais fitoplâncton - minúsculos organismos vegetais capazes de absorver o dióxido de carbono e libertar oxigênio.) A mudança é outra consequência do som que ouvimos no hidrofone uns dias antes. À medida que o gelo derrete na Antártida, há mais barulho, haverá menos face manchada e krill, mais gentoos e salpas, menos oxigênio, mais ácido e, é claro, menos gelo e mais água do mar.

Discovery Bay na Antártida.
Foto: Abbie Trayler-Smith / Greenpeace

Um grande número de cientistas acredita que o gelo da Antártida Ocidental chegou a um ponto que derreteu tanto além das oscilações naturais que se tornou irreversível. Em Fevereiro, um estudo à parte inferior do vasto glaciar Thwaites - com área semelhante à do Reino Unido – revelou uma extensa erosão provocada pela água morna. Este glaciar e o de Pine Island, nas proximidades, perdem gelo cinco vezes mais rápido do que nos anos 90. Um colapso da camada de gelo da Antártida ocidental é agora uma séria preocupação.

É tentador pensar que a humanidade não faz nada bem, mas a breve história da interação humana com a Antártida sugere que podemos pelo menos, aprender com nossos erros e reverter alguns dos danos que causámos.

Elefantes marinhos junto de uma colônia de pinguins gentoo na ilha de Livingston, no sul das Shetlands.
Foto: Christian Åslund / Greenpeace

A estratosfera acima de nós é prova disso. Na década de 80, o mundo fico chocado ao descobrir que certos químicos tinham perfurado a camada de ozono e causado um vasto buraco acima da Antártida, que aumentava os riscos de cancro e perturbando no sistema climático e nas correntes oceânicas. Desde então, esforços internacionais para reduzir os CFCs e outros produtos químicos prejudiciais à camada de ozono diminuíram a ameaça. Este ano, os cientistas animaram ao descobrir que a interrupção dos ventos do Sul parou e pode até regressar ao seu estado natural. Existe o risco de um buraco fechado na camada de ozono poder reter ainda mais calor, contudo os danos iniciais estão a caminho de serem revertidos. O mesmo também se aplica à vida selvagem da região.

Por 4,5 bilhões de anos, ninguém nem nada interagiu com nos ventos ou as ondas desta região. Apenas há 200 anos, pouco depois da invenção do motor a vapor e da iluminação elétrica, os humanos viram pela primeira vez a Antártida. Os exploradores que mapearam o continente pela primeira vez foram louvados como heróis, mas a carnificina prossegui-os. James Clark Ross - o oficial da marinha britânica que descobriu o mar e que agora lhe dá nome - sabia exatamente o que aconteceria às focas e pinguins que avistou na sua viagem. "Até agora fora do alcance de perseguidores, eles desfrutam de uma vida de tranquilidade e segurança, mas daqui em diante, sem dúvida, serão obrigados a contribuir para a riqueza de nosso país", escreveu no seu diário em 1841.

Identificação de baleias em Paradise Harbor.
Foto: Abbie Trayler-Smith / Greenpeace

Nos 50 anos seguintes, o Reino Único e os EUA mataram mais de um milhão de focas para obter a sua pele, e focas-elefantes suficientes para produzir 20.000 toneladas de gordura de baleia para lâmpadas a óleo, cosmética e sabão. Baía após baía, e ilha após ilha, a população de animal foi quase extinta. Os pinguins eram queimados para extrair óleo em tanques gigantes que podiam espremer a gordura de 2.000 aves por dia. Quando a proteção dos pinguins finalmente surgiu no início do século 20, provocou um aumento na caça à baleia para compensar o défice de óleo e gorduras animais. Várias espécies de baleias, incluindo a azul, a direita do sul e a sei, foram caçadas quase até à extinção. Outras, como a baleia-jubarte, perderam cerca de 90% da sua população.

Como focas e pinguins, as baleias pareciam condenadas. Mas legislação muito contestada e campanhas frequentemente impopulares fizeram toda a diferença. Verificam-se aumentos constantes na população da baleia-jubarte desde a proibição à caça comercial da baleia, que entrou em vigor em 1985, segundo a Comissão Internacional da Baleia, hoje á cerca de 80.000 baleias-jubarte, números que se assemelham aos anteriores à caça comercial. Os cientistas dos navios da Greenpeace monitorizam as populações de baleias, armazenam grandes quantidades de dados acústicos, como a conversa de orcas e cachalotes, o som natural mais alto produzido por qualquer criatura na Terra. A população de baleias azuis está também a crescer. No mês passado, uma missão da Pesquisa Antártida Britânica no sul da Geórgia registou 55 em apenas três semanas.

Baleiaa-jubarte.
Foto: Abbie Trayler-Smith / Greenpeace

Para os ativistas, a recuperação da população de baleias é um sinal de que a cooperação internacional pode ser eficaz, as medidas e proteções podem funcionar e o Homem é capaz de reverter os danos causados ao mundo natural. Mas ninguém baixa os braços. O ator Gustaf Skarsgård, que se tinha juntado à nossa viagem para divulgar o tópico nas suas redes sociais, resumiu com uma comparação pessoal. “É como se a Antártida estivesse em recuperação. Eu sei uma coisa ou duas sobre isso - disse. “Um ponto negativo passou, mas a condição ainda é frágil. Precisamos de mais tempo ou pode tudo voltar ao que era.”

Depois que a tempestade finalmente passar, o Sunrise regressou à Ilha Rei George, onde apanharia um avião de regresso a casa. Quanto mais próximo do aeroporto, mais cruzeiros e navios científicos vimos. Nos dez dias desde que tínhamos partido, o verão teve um impacto visível. As encostas cobertas de neve agora estavam nuas com rochas negras. A Antártida nua nunca será uma atração turística, mas é uma forma poderosa de relembrar de que, sob a frágil camada externa de água, gelo, terra e vegetação, é apenas mais uma rocha vinda do espaço.

Capítulo 6: Ilha Rei George
Um encontro com a esperança

De todos os momentos desta viagem, destaca-se um- o encontro em Paradise Harbor, que despertou dois sentimentos raro na era do *Anthropocene* : pura alegria não mitigada e um sentimento de esperança.

Eu ouvi a balia-jubarte antes da a ver. Uma onda, um suspiro, depois um chapinhar suave atrás de mim. Virei-me a tempo de ver a barbatana dorsal num arco glorioso a sair e voltar para a água como num conto de fadas. A baleia estava a cerca de 30 metros de nós e vinha em nossa direção.

Uma baleia-jubarte junto do arquipélago de Palmer.
Foto: Christian Åslund / Greenpeace

Não nos podíamos mexer - o navegador tinha desligado o motor do barco poucos minutos antes, estávamo-nos a preparar para uma gravação. Tudo o que podíamos fazer era observar, sem palavras, quando a baleia se aproximou, agora a 15 metros, cuspia novamente água e mergulhava o suficiente abaixo da superfície para ficar fora de vista. Foi emocionante. Será que a baleia se apercebeu que tinha um obstáculo no seu caminho? O nosso pequeno barco certamente era virado numa colisão com uma criatura daquele tamanho.

A baleia tinha outra coisa em mente. Depois de passar debaixo de água, alguns metros à frente do nosso pequeno barco, ela ficou paralela a nós e tão perto que quase a conseguimos alcançar e tocá-la. A baleia inclinou a cabeça gigante para fora da água e bocejou fortemente, revelando uma língua do tamanho de uma cama. Segundos depois, com um movimento de sua barbatana peitoral, ela estava novamente debaixo de água.

Bocas abertas, radiantes, os cinco cruzamos um olhar para confirmar que não era a nossa imaginação. Não me lembro de tanta alegria. A experiência foi quase sagrada. Mas ainda não tinha acabado. Voltamos a virar-nos e lá estava a baleia novamente, completou um círculo perfeito ao barco, antes de nadar silenciosamente e regressar de onde tinha vindo.

Voltamos ao navio em alta. Estávamos empolgados com o encontro. Ninguém tinha deixado o hidrofone a grava. O pequeno vídeo que filmei com o meu telemóvel era de baixa qualidade. O momento perdurará na nossa memória. Ao ouvir, vimos muito.

O estadia de Jonathan Watts a bordo do Arctic Sunrise foi financiada pelo Greenpeace